

# Adeus a meu PAI

*A despeito da doença, ele continuou lutando e manteve a independência até o fim*

Por RIKTIA DOSKER

**O**s meses de janeiro e fevereiro de 1995 foram frios e tempestuosos. Seria por isso que meu pai ficava tanto tempo dentro de casa?

Minha mãe e eu compartilhamos muitas vezes essa preocupação em nossos telefonemas diários. Achávamos que ele agia de modo diferente do normal, mas tentávamos tranquilizar uma à outra. Afinal, ele tinha quase 86 anos, e que homem de sua idade era ainda tão ativo? “É bom mesmo que ele tome mais cuidado nesse inverno”, comentamos.

**Q**UANDO a primavera se aproximou, ele foi contaminado por um pouco da animação típica dessa estação e tornou-se mais ativo. Nada o impediria de andar de gatinhas no subsolo da casa para trocar o encanamento da água antes que ele e mamãe fossem para a casa de veraneio. Passou dois dias num espaço de quarenta centímetros de altura e não foi surpresa quando depois começou a sentir dor nas costas.

No entanto, a dor persistiu. Num exame de rotina nesse mesmo mês, o cardiologista constatou que ele apresentava uma grande mancha no pulmão. O diagnóstico foi rápido: câncer de pulmão. Meu pai, que nunca ficara doente um dia sequer na vida, estava com câncer! Um tipo de câncer de evolução rápida. Nós iríamos perdê-lo. Ele estava morrendo. Não veria minhas duas filhas crescerem. Aquele homenzinho de poucas palavras que eu amava tanto iria perder a vida para o câncer! Eu chorava o dia todo e tinha dificuldade de me concentrar no trabalho.

SE MEU PAI RESISTISSE ainda seis meses estaria vivo no aniversário de minha filha mais velha, poderia verme completar 41 anos e estaria presente no aniversário de meu irmão. Mas provavelmente faltaria ao de minha filha mais nova, em setembro. Tínhamos começado a dizer adeus.

Eu nunca me dera conta de que meu pai era um “velho”. Acho que não queria mesmo ver isso. Ele era um homem muito ativo, que executava bem trabalhos físicos e felizmente conservava a lucidez. Todos sempre o achavam mais novo do que realmente era. Assim, concluir que ele já atingira uma “idade boa” foi arrasador para mim. Que idade boa? Aquele era meu pai e, mesmo sendo idoso, eu não queria viver sem ele! Minha tristeza com sua morte iminente não diminuía por causa da velhice! Sentia-me triste por meu pai, por minha mãe – que ia ficar sozinha após 48 anos de casamento –, por mim e por minhas filhas, que iam perder seu querido e divertido avô.

Mas papai via a questão sob uma luz mais realista. Há anos encarava o envelhecimento de modo diferente. “O que você esperava?”, costumava dizer, zombeteiro. “Já estou com 70, 75, 80, 85... acha que vai estar melhor na minha idade?” Então tomava um gole de seu gim. Mas tinha consciência de sua idade. Sempre que ia ao médico comentava que era um “velho saco de ossos”. Chamava seu coração de máquina e dizia que estava gasta e precisava de reparos de vez em quando.

A PRIMAVERA foi terrível. Com apenas algumas palavras o pneumologista conseguiu convencê-lo a submeter-se à quimioterapia.

– A gente não sabe até tentar, se-

**Preparei-me para a morte de papai e lhe**

nhor de Jong – disse ele. – Não podemos curá-lo, porém talvez possamos lhe dar um pouco mais de tempo para conversar com sua esposa sobre o passado, falar com seus filhos, desfrutar a vida um pouco mais.

Escutamos tudo sobre o tratamento e iniciamos um trajeto muito difícil. Meu pai degenerava rapidamente. A quimioterapia afetou as membranas mucosas. Ele sofria muito quando ia ao banheiro e gritava de dor. Não conseguia mais comer, desenvolveu úlcera no estômago, problemas de visão, crises de gota e, no fim, disse que já suportara o bastante. Eu vinha esperando silenciosamente por esse momento. Preparei-me para sua morte e lhe disse que respeitaria qualquer decisão que ele tomasse.

**E** STÁVAMOS em junho e o Dia dos Pais se aproximava. O que eu deveria fazer? Não podia agir como se nada estivesse errado e lhe dar um presente qualquer. Escrevi para meu pai uma carta de despedida e agradei-lhe por tudo o que significava para mim. Incluí o CD *Always in My Heart* (Sempre em meu coração), de Plácido Domingo.

Pouco tempo depois, papai foi hospitalizado. Senti que nos aproximávamos do fim. No entanto, ele ainda não desistira. Lutou com todas as forças para continuar vivo. E con-

seguiu. A quimioterapia cumpriu sua missão e o crescimento do tumor foi temporariamente detido, o que nos dava um tempo a mais. Comemoramos o aniversário de minha filha mais nova em setembro. Abrimos o champanhe e brindamos ao fato de meu pai ainda estar conosco.

O outono deu lugar ao inverno e comemoramos o Natal em família. Ficamos juntos também na passagem do ano e entramos no novo ano com sentimentos confusos. Esperança e medo caminhavam de mãos dadas. Essas festas de fim de ano tiveram um significado especial.

Então algo completamente inesperado ocorreu. Numa tarde de janeiro, minha amiga me telefonou aos prantos. Quase não podia falar, mas por fim conseguiu me dizer que seu filho Alexander havia caído da escada nessa manhã e quebrado o pescoço. Estava morto. Aos 23 anos, ficou ali caído sem vida ao pé dos degraus e foi encontrado pela irmã. Não envelheceria ao lado de alguém, não haveria adeus nem futuro. Uma queda inesperada e estava tudo acabado.

Durante as difíceis semanas que se seguiram ao comovente funeral, aos poucos entendi o que meu pai tentara me dizer ao longo dos anos. Alexander tinha toda uma vida pela frente, meu pai já tinha toda uma vida atrás de si. De fato, ele havia alcançado uma idade boa, de um modo que faria inveja a muita gente.

**disse** que respeitaria qualquer decisão que ele tomasse.

## *Papai disse ao médico* **que não queria morrer**

Minha tristeza em relação ao adeus que se aproximava não diminuiu por essa compreensão, mas era o começo para a aceitação.

Em março comemoramos os 87 anos de papai. Não muito depois, ele retornou com mamãe à casa de veraneio. Cuidava do jardim todos os dias, consertava a cerca de madeira e levava o lixo do jardim para a lixeira no *trailer*. Os médicos estavam espantados e declaravam: "Sua constituição deve ser forte como a de um touro." Mas o câncer ainda avançava, sorrateiro, esperando para se espalhar pelo corpo todo.

Os primeiros sinais disso surgiram em agosto. Papai estava reformando o galpão, mas trabalhava apenas algumas horas por dia. Ele costumava sentir náuseas terríveis pela manhã, vomitar, queixar-se de dor de cabeça e caminhar como alguém que tivesse bebido demais. Sua visão piorava cada vez mais. No entanto, só achou tempo para ir ao médico depois de terminar o galpão. O diagnóstico: metástase no cérebro. O neurologista recomendou radioterapia e prescreveu-lhe remédios para diminuir os tumores.

O tratamento produziu rápido efeito positivo. Papai pôde terminar a calçada em torno do galpão e encomendou um carregamento de areia. Meu marido e eu estávamos ansiosos para ajudá-lo, mas logo compreendemos que haveria sempre nova tarefa quando aquela ter-

minasse. Meu pai simplesmente não conseguia sentar-se e ver a vida passar como outras pessoas de sua idade! Ele queria mostrar como era independente.

Outubro chegou. As folhas caíram. Papai ainda se mantinha ocupado, mas minha mãe estava perdendo as forças. Embora fosse quatorze anos mais nova do que ele, mal podia agüentar a constante tensão. Cuidava dele dia e noite, lembrando-lhe para tomar o remédio, tentando todos os dias preparar alimentos saudáveis de que ele gostasse, enrolando-o em toalhas quentes depois do banho e o esperando, nervosa, quando ele ia de carro ao depósito de madeira ou andava por Amsterdã com o *trailer*. Enquanto isso, o câncer avançava em silêncio.

De repente meu pai começou a sentir falta de ar e não pôde mais trabalhar. Uma semana depois estávamos de volta ao hospital. Ele se recusou a sentar-se numa cadeira de rodas e arrastou-se até o consultório. Diante do médico começou a dizer pouco a pouco tudo o que o coração sentia: não havia mais razão para continuar, já tivera tratamento suficiente, não agüentava mais, aquilo não era vida. Mas não queria morrer ainda, não antes de 14 de novembro – "porque esse é o dia do aniversário de minha mulher".

O câncer atingira as glândulas em torno da traquéia – o que lhe dificult-

## antes de 14 de novembro, aniversário de mamãe.

tava a respiração – e as glândulas supra-renais, causando-lhe fortes calafrios. A radioterapia provocara também a perda quase total da audição. Não podia mais ler as legendas na televisão. Aquele homenzinho forte estava próximo do fim. Quando o pneumologista o examinou e lhe disse que não se acabaria assim tão rápido, ele me deu um grande sorriso. Viu as lágrimas em meus olhos, minha tristeza contida e olhou para mim como se quisesse dizer: “O que você espera? Sabe o que vai acontecer, não? Tivemos nosso tempo extra!”

**M**EU PAI faleceu em 24 de dezembro de 1996. Seu sofrimento durou muito mais do que poderíamos imaginar. Deixar alguém que se ama partir é tão difícil que o sofrimento se torna secundário. Ele não podia mais se virar na cama sozinho, precisava de ajuda para tudo e não conseguia comer ou beber. Mas sua mente continuava a funcionar bem, e me sinto grata por isso.

Ficamos juntos durante a última noite. Sua mão se erguia de vez em quando à procura de algo e ele sorria quando eu a segurava. Contamos as horas, depois os quartos de hora e finalmente os minutos até o amanhecer.

– A morte mais maravilhosa... – sussurrou ele – ...é um ataque do coração.

Ele não agüentava sentir-se tão fraco e impotente.

– Dê à sua mãe um bom Natal – disse ao romper do dia. – Vai ser difícil para ela.

As instruções e conselhos vinham aos poucos. Adormeceu às 10h30 e morreu logo depois. Por um breve instante só pude sentir alívio, pois seu sofrimento havia acabado. Finalmente tinha descansado. O alívio, porém, não durou muito. A compreensão de que nunca mais poderia ouvir sua voz, segurar sua mão e vê-lo olhar com orgulho as netas causou-me uma sensação intensa de perda e de tristeza. Dentro de mim ouvi a voz de meu pai dizer que eu tinha de ser forte e enfrentar a situação da melhor maneira possível.

Dissemos adeus a seu corpo, porém sua voz permaneceu comigo e ainda a ouço todos os dias. Conversamos, imagino como responderia em várias situações, sinto sua aprovação, mas às vezes também sua desaprovação. Divertimo-nos juntos observando minhas meninas crescerem. Duas semanas atrás, voltando de uma visita à mamãe, chorei no carro durante todo o caminho. Então ouvi a voz de papai: “Ei, preste atenção no que está fazendo!” Imediatamente percebi que estava correndo demais. Meu pai está morto, mas continua a viver dentro de mim. É o meu anjo da guarda!

\*\*\*